Figueiredo, Fidelino de

(1888-1967)



Crítico literário, comparatista, professor, escritor, jornalista, pensador, político. Os primeiros contos e ensaios saíram em 1905, tinha ele 17. No contexto da primeira República, fundou a Sociedade de Estudos Históricos e a *Revista de História* (1912-1928). Contrariando os pressupostos de Teófilo Braga, reescreveu a historiografia literária portuguesa: *O Espírito Histórico*, *A Crítica literária em Portugal* (1910), *A Crítica Literária como Ciência* (1912), *História da Literatura Romântica* (1913), *História da Literatura Realista* (1914), *História da Literatura Clássica* (1917-1924), etc. Dirigiu a Biblioteca Nacional em 1918-1919, e 1927. Neste ano, participou, com Filomeno da Câmara de Melo Cabral, num golpe contra a ditadura emergente. Condenado ao degredo em Angola, seguiu depois para o exílio. Foi jornalista (1928), conferencista, professor. Trabalhou em Espanha, Inglaterra, Checoslováquia, Estados Unidos, México, Cuba, Argentina – antes de se fixar no Brasil, onde veio a fundar os mais importantes núcleos de estudos de literatura portuguesa (São Paulo, Rio de Janeiro). Regressou já muito doente a Lisboa, em 1951, onde veio a falecer, em 1967. Dividiu o espólio entre a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo.

Não podemos entender o pensamento inquieto de Fidelino de Figueiredo sem o enquadrarmos na inquietude do exílio, da viagem, da leitura e da escrita: todas são formas equivalentes de entender melhor a identidade inacabada. De certa forma, Fidelino lê, e lê-se, através da empatia com a *intelligentzia* desterrada de Portugal: Garrett, Eça de Queirós, e sobretudo Camões. Segismundo Spina escreverá: “O dia em que se fizer a história de um dos

mais extraordinários espíritos que já iluminaram o pensamento crítico do século XX – o de Fidelino de Figueiredo –, dentro dessa longa e profunda trajetória da inteligência se desenvolve, com marcos muito nítidos – uma outra história: a da especulação camoniana, cujas balizas cronológicas coincidem com as dos dois grandes exílios que sofreu na vida: o da pátria na altura de 1930, e o do mundo nos anos de 1952-53" (FIGUEIREDO, 2013: 87).

Nos estudos literários portugueses, foi um dos primeiros críticos, se não o primeiro, a usar a designação de "Literatura Comparada": "Os estudos de história comparada das literaturas portuguesa e espanhola foram inaugurados pelo curso de trinta lições que […] tive a honra de reger na Columbia University, de New York, em 1931, segundo o programa publicado pela *Revue de Littérature Comparée*, Paris, 1931, n.º 4" (FIGUEIREDO, 1935: 189).

Foi também um dos críticos que melhor exemplificou a importância dos estudos comparatísticos, muito para além da compreensão etnocêntrica das literaturas nacionais.

Seria objetivo da Literatura Comparada o "descobrimento e demonstração da solidariedade espiritual, do fundo comum que está por detrás dessas coincidências e influências, a *literatura geral* ou a *Weltliteratur* de Goethe" (FIGUEIREDO, 1962: 166). Tal objetivo "chega a ser "político e activo" (FIGUEIREDO, 1935: 14-15). Valorizou, talvez como nenhum outro intelectual do seu tempo, o diálogo entre as artes (cf. *De regresso de Hollywood*, de 1931, ou *Música e Pensamento*, de 1954). O exílio e a guerra reforçam nele a convicção de que o intelectual-filósofo tem de regressar à caverna de onde fugiu. Podíamos citar a *Crítica do Exílio* (de 1930). Mas o livro em que essa tensão nos parece maior é *A Luta pela Expressão,* de 1944. Neste e noutros livros permanecem interessantes os mapas que deixou para uso de futuros viajantes (cf. *Aristarchos*, *passim*).

Passagens

Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, Checoslováquia, Estados Unidos, México, Cuba, Argentina

Figueiredo, Fidelino de

Citações (segundo o NAO)

“O japonismo português teve a peculiaridade de sugerir um caso espiritual que muito poucos países terão produzido: a identificação duma alma de superior sensibilidade até ao requinte estético e moral. Sim, porque Wenceslau de Moraes, o principal dos modernos cultores portugueses do japonismo, não fez do império nipónico, da sua vida exótica e pitoresca, só um fecundo tema de ensinamento e diversão para os seus compatriotas, um género literário, fez dele o bordão da sua fadiga, o sentido da sua existência. Deambulando por mares e por terras, gozando o gozo de sofrer, o mais requintado, o mais sugestivo de todos os gozos, Wenceslau de Moraes passeou o seu tédio sem encontrar descanso em porto amigo. Mas um dia descobre o Japão e todas as suas ânsias e forças as concentra na aspiração de nele se projetar anonimamente, de se deixar absorver e assimilar na vida japonesa, onde nada lhe falava do aborrecimento atávico,como u mal de raça, onde tudo era perene de emoção, de encanto e atrativo, onde o mínimo episódioou aspeto lhe despertava docemente a felicidade de compreender e amar, a alegria de viver.

Verdadeiramente, Wenceslau de Moraes trocou a sua alma, como se se houvesse entregado à terapêutica moral daquele engenhoso Doctor Inverosimil, de Gomez de la Serna. Esse ‘*doutor inverosímil*’, a quem se dirigiam as pessoas que sofriam de males desesperados ante a insuficiência da medicina de base fisiológica e métodos tradicionais, da farmacologia à cromoterapia, punha-se a viver e a reconstruir a existência do doente, até topar, com o seu instinto físico, no pedrouço que anormalizava o funcionamento dessa existência. E o que achava era quasi sempre o domínio ignorado, imperceptível, mas poderoso, daquela alma das coisas que despoticamente se insinua e nos governa. Eram as garras das coisas que prendiam os pobres doentes: umas luvas muito antigas, muito estiradas e herméticas, guardando toda a corrupção do passado; uma barba espessa que mascarava e defendia uma fisionomia e um caráter de receberem simples e sinceros conselhos; o contágio moral de um doente de suicídio a quem lhe assistira; o desenraizamento súbito de hábitos que longo tempo amparavam fraquezas; a poeira de uma biblioteca que anos atrás ia enterrando vivo o

seu dono; um relógio com o seu tic-tac a marcar o consumo estéril duma vida; uma luz amarelenta e mortiça que a cauto avarento, sem o saber, ia instilando desejos de morte…" (Figueiredo, 1925: 12-14)

"Na bibliografia do pessimismo peninsular, a pequena obra de D. José Ortega y Gasset, *España Invertebrada*, é uma espécie importante, porque organiza esse pessimismo em filosofia histórica, na qual há lógica, embora sem base de realidade. É um tecido de congruentes deduções e não uma verídica exposição de factos averiguados incontroversamente. Mas índice de pensamentos, sendo falso no seu conceito central, contém muitas observações sagazes, a que a espiritual finura do autor deu uma forma clara e admiravelmente sugerente. Abundam na obra as opiniões personalíssimas que prov~em menos da investigação imparcial que de hábitos de espírito e tendências de temperamento, decisivas num discípulo da geração negativista de 1898. […] Há meio século, diz Ortega y Gasset, cria-se que a decadência espanhola datava de poucos lustros atrás. Joaquim Costa e a sua geração fizeram recuar a dois séculos o começo dela. Há quinze anos, quando começou a meditar, Ortega y Gasset intentou mostrar que essa decadência abarcava toda a idade moderna da história do seu país. Logo, estudando e refletindo melhor, o mesmo crítico estimou que a decadência espanhola não foi menor na idade média que na moderna e contemporânea. […] Mas no ânimo do escritor chega a perpassar a suspeita de que tenha cedido a um jogo de palavras, pois sendo essa decadência perpétua, torna-se, antes, uma característica constitucional. E assim a considera Ortega y Gasset, atribuindo-a à falta de pluralismo psicológico, de potenciação individualista, noutros países derivada do teor de vida do feudalismo. Mas no seu espírito levanta-se a objeção considerável da conquista e *colonização* americana, única coisa "verdadeiramente, substancialmente grande, que fez a Espanha". E o escritor, que é um lógico severo, ladeia o embaraço, considerando a colonização espanhola como obra popular e recaindo uma vez mais na sua tese dileta: o anonimato da história espanhola e a constante carência de um escol, "de los mejores". Em Espanha – proclama – tudo foi feito pelo povo; o que o povo não fez, ficou por fazer. […] A lenda negra, que os amaneirados cortezãos, filantropos e enciclopedistas do século XVIII arquitetaram e puzeram a correr, é que reduziu as magnificências homéricas da conquista

americana a uma torpe aventura sanguinária da escumalha social da península. É falso. […] Numas palavras atribuídas ao Cid, o herói nacional, vê Salaverria [José Maria de] o princípio e a definição da história de Espanha: "Quem mora sempre num lugar, o seu, o que possui, parece diminuir-se…" Isto que é uma chã filosofia do progresso, foi a grande força que impelui os conquistadores, […] a ensinar á Europa dementada um sentido novo da vida."
(Figueiredo, 1925: 170-174)

"Medito e perscruto e não me acode outra esperança. Senão a que me sugere aquela imagem do idealista uruguaio, que de olhos postos no mar, considerava a infinita variedade da sua cor, sempre nova, só porque uma nuvem cruza pelo céu ou um raio de sol rasa o lombo das ondas; assim também esse outro mar, que é a multidão dos homens, às vezes, ao toque leve e subtil de uma dessas coisas aéreas, ligeiras e ideais, se rende como a cera ao molde, à debilidade todo poderosa da palavra dum poeta, à promessa dum sonhador…"
(Figueiredo, 1925: 183)

"A ufania do marinheiro português no século XVI, na hora triunfal do imperialismo e das suas glórias; o refugio seguro das suas inseguranças, que o mar oferece aos perigos e sofrimentos da terra; o paralelo da volubilidade do mar e de inconstância do destino dos homens, são temas favoritos desses poetas que, ideando da margem, não deixam de prestar um bom serviço: alforriar o oceano dos cânones da estética clássica, da sua adjetivação e daquelas tempestades virgilianas, obrigatórias nas epopeias."
(Figueiredo, 1925: 221-222)

"Ver o mar da praia ou das arribas é ver um painel, é colher somente sensações visuais riquíssimas embora, mas sem que nos contagie a influência profunda do mesmo mar, como quem mira um quadro na quietude dum museu não altera o seu teor de vida quotidiana por efeito das imagens que a fantasia do pintor lhe fez ver. Seguro na sua estética contemplação, o escritor praieiro está longe do pensamento dominante do marujo, aparelhar a alma para a morte, no dizer camoniano, e do mar conhece uma modalidade diversa, uma fisionomia mascarada, porque o mar ao contacto da terra disfarça-se, com certas pessoas em

sociedade se constrangem e desfiguram."
(Figueiredo, 1925: 245-246)

"Júlio Verne satisfazia-nos a sede de movimento, a ânsia de devassar e conquistar novos horizontes para os olhos e para a alma, com um conceito de heroísmo, que se aproxima muito daquele, ingenuamente expresso por Cid, El campeador, que a´pos o triunfo, bradava aos seus, inquietamente:
Cras a la mañana pensemos cabalgar,
Dexat estas posadas e iremos adelant..."
(Figueiredo, 1925: 254)

"É do puro domínio da inteligência a inquietação de Eça de Queiroz, que varejava tipos e recantos sociais para lhes incutir o descontentamento e lhes criar a necessidade do grande ar e do ar novo. E fê-lo de longe, porque Portugal só se entende bem de longe; e voltou, pelo menos em espírito, porque os portugueses voltam sempre. É por isso, com os seus francesismos e tudo, profundamente português e profundamente humano."
(Figueiredo, 1945: 23)

"São muitas as limitações que apoucam o homem, inexoravelmente encarcerado no pequeno mundo de si mesmo. E uma das mais cruéis dessas limitações é a escassa capacidade da sua memória, de alcance muito menor que a sua curiosidade intelectual. Não lhe é dado guardar na sua lembrança viva e militante o que vai conquistando em cada dia pela inteligência. O comum dos homens apenas pode armazenar o que diretamente respeita à consciência do seu ser e à sua conservação. Por isso, desde que o saber se foi avolumando houve necessidade de conservá-lo em registros estranhos à unidade pessoal do homem – todos esses artifícios da escrita, que principiam nas insculpturas rupestres e atingem a requintada arte moderna do livro."
(Figueiredo, 1941: 37)

"E não será toda a criação literária da península [ibérica] uma suprema expressão verbal do heroísmo e do amor? Uma caminhada erudita, através das duas literaturas muitisseculares,

descobre sempre os dois filões, a celebração do espírito heroico à ventura pela ampla meseta central e a celebração do espírito lírico rem devaneio pela costa atlântica e por terras e mares distantes.... Como na lenda de Pyrene: Hércules, vencido e estimulado logo pelo amor, venceu a Gelião de além Atlântico e impôs às suas terras tenebrosas a vitória da luz..." (Figueiredo, 1935: 9)

Bibliografia ativa selecionada

FIGUEIREDO, Fidelino (1915). *Características da Literatura Portuguesa*, reimpressão revista, Lisboa, Liv. Classica Editora de A. M. Teixeira.
—— (1925). *Torre de Babel*, 2.º milhar, Lisboa, Emp. Literária Fluminense.
—— (1930). Critica do Exílio, Lisboa, Liv. Clássica Editora
—— (1933). *Menoridade da Inteligência*, Coimbra, Imp. Da Universidade.
—— (1935). *Pyrene. Ponto de vista para uma Introdução á História Comparada das Literaturas Portuguesa e Espanhola,* Lisboa, Emprêsa Nacional de Publicidade.
—— (1941). *Aristarchos. Quatro conferencias sobre Methodologia da Crítica Litteraria no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, Brasil*, 2.º [sic] ed., Revista e precedida de dois estudos de Tristão de Athayde, Rio de Janeiro, Liv. H. Antunes.
—— (1944). *A Luta pela Expressão. Prolegómenos para uma Filosofia da Literatura*, Coimbra, Editorial Nobel.
——/ pref. (1945). *Eça de Queiroz visto por um Argentino*, de A. J. Bucich, Porto, Figueirinhas.
—— (1953). *Um Colecionador de Angústias*, Lisboa, Guimarães Editores.
—— (1957). *Um Homem na sua Humanidade*, 2.ª ed., Lisboa, Guimarães Editores.
—— (1958). *Música e Pensamento*, 2.ª ed., Lisboa, Guimarães Editores.
—— (1959). *Entre Dois Universos*, Lisboa, Guimarães Editores.
—— (1962). *Ideário Crítico de...*, org., pref., notas de C. Assis Pereira, São Paulo, USP/ FFCL.
—— (1964). *Símbolos & Mitos*, s.l., Publicações Europa-América.
—— [1941b]. *Últimas aventuras*, Rio de Janeiro, Emp. A Noite.

Bibliografia crítica selecionada

CARNEIRO, Mário (2004). *O Pensamento Filosófico de Fidelino de Figueiredo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
CARVALHO, Amorim de (1974). *Fidelino: um Filósofo da Transitoriedade*, São Paulo, Boletim 19, Língua e Literatura Portuguesa, n.º 353.
Colóquio Letras. No Centenário de Fidelino de Figueiredo, Lisboa, F.C.G., n.º 112, Nov.-Dez. 1989, pp. 7-22.
FIGUEIREDO, Nuno Fidelino de (2013). *Fidelino de Figueiredo visto por seus discípulos*, Bahia, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes.
MARTINS, José Cândido de Oliveira (2007). *Fidelino de Figueiredo e a Crítica da Teoria Literária Positivista*, Lisboa, Instituto Piaget.
SERRA, Pedro (2004). *Um Intelectual na Fobolândia. Estudos sobre o Ensaismo de Fidelino de Figueiredo*, Coimbra, Angelus Novus.

Maria Luísa Malato